

Caleidoscópio das infâncias: cadê as representações afro-ameríndias¹?

Ignácio, Patrícia ²

Oliveira, Mara Cristina Julio ³

Xavier, João Victor Ramos ⁴

RESUMO

Este artigo, filiado aos Estudos Culturais, analisa as oraturas "Caboclinho da Mata" e "Ibejis" como representações de infâncias afro-ameríndias, interrogando como seus sentidos são produzidos e disputados. Objetiva-se evidenciar essas representações situadas no Brasil – a criança ancestral indígena e os gêmeos sagrados iorubás –, contrapondo-as ao modelo ocidental universalizante de infância. A metodologia é qualitativa, bibliográfica e documental, baseando-se na cartilha da UnB (2024) e no artigo de Reis (2024). A análise, fundamentada na crítica à noção universalizante de infância, identifica que as oraturas articulam a sabedoria, a inteligência e a inventividade como formas de resistência, e a união e a coragem como fontes de esperança. Tais narrativas oferecem sistemas alternativos de representação, desconstruindo a naturalização da infância ocidental e fomentando debates cruciais para a Educação das Relações Étnico-Raciais.

Palavras-chave: representação; infância; Estudos Culturais.

Kaleidoscope of childhoods: where are the afro-indigenous representations?

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

²Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutora em Educação. Professora do Departamento de Práticas Educacionais e Currículo (DPEC) - Centro de Educação (CE) nos cursos de Licenciatura em Matemática e Pedagogia, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) e no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: patricia.ignacio@ufrn.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3042180832996423>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2145-2957>.

³Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutoranda em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM) na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: mara.oliveira.021@ufrn.edu.br. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9332155572243948>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7764-7660>.

⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestrando em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) (Bolsista CAPES), Pedagogia (UFPB). E-mail: joao.xavier.708@ufrn.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0277243158360378>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-5842-3975>.

ABSTRACT

This article, situated within Cultural Studies, examines the oral narratives *Caboclinho da Mata* and *Ibejis* as representations of Afro-Indigenous childhoods, exploring how their meanings are produced and contested. It aims to highlight these Brazil-based representations—the Indigenous ancestral child and the Yoruba sacred twins—contrasting them with the universalizing Western model of childhood. The study employs a qualitative, bibliographic, and documentary methodology, drawing on the UnB handbook (2024) and the article by Reis (2024). The analysis, grounded in a critique of the universal notion of childhood, shows that these oral narratives convey wisdom, intelligence, and creativity as forms of resistance, and unity and courage as sources of hope. These narratives provide alternative systems of representation, deconstructing the naturalization of Western childhood and fostering essential debates for the Education of Ethnic-Racial Relations.

Keywords: representation; childhood; Cultural Studies.

Caleidoscopio de las infancias: ¿dónde están las representaciones afroameríndias?

RESUMEN

Este artículo, inscrito en los Estudios Culturales, analiza la literatura oral *Caboclinho da Mata* y *Ibejis* como representaciones de infancias afroameríndias, cuestionando cómo se producen y disputan sus sentidos. El objetivo es destacar estas representaciones ubicadas en Brasil - el niño ancestral indígena y los gemelos sagrados yoruba - contrastándolas con el modelo occidental universalizador de la infancia. La metodología es cualitativa, bibliográfica y documental, basada en la cartilla UnB (2024) y en el artículo de Reis (2024). El análisis fundamentado en la crítica de la noción universalizadora de infancia identifica que las literaturas orales articulan sabiduría, inteligencia e inventiva como formas de resistencia, y la unidad y el coraje como fuentes de esperanza. Estas narrativas ofrecen sistemas alternativos de representación deconstruyendo la naturalización de la infancia occidental y fomentando debates cruciales para la Educación de las Relaciones Étnico-Raciales.

Palabras clave: representación; infancia; Estudios Culturales.



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.11 N.20 [2025] e267915
**Dossiê Estudos Culturais em Educação:
proposições, articulações e reverberações**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2025.267915>

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: DESNATURALIZANDO A INFÂNCIA E APRESENTANDO O PERCURSO

Durante muito tempo, a infância esteve associada a uma categoria biológica e universal, concebida como uma fase natural pela qual todos os seres humanos passam de maneira semelhante – compreensão que prevaleceu e que persiste em alguns contextos, tanto no senso comum quanto em parte da pesquisa acadêmica. Contudo, a infância deve ser entendida como uma construção cultural, marcada por determinações econômicas, políticas e filosóficas (Nascimento, 2009). Essa desconstrução mostra um campo multifacetado, marcado por múltiplas culturas infantis (Sarmiento, 2007), e não por um modelo único.

Para aprofundar essa discussão, a Sociologia da Infância propõe uma distinção conceitual crucial: a infância como uma categoria social de caráter geracional e a criança como o sujeito concreto e ator social que integra essa categoria (Andrade, 2010). A diferenciação proposta é fundamental para analisar de que modo as representações da infância podem mascarar a complexidade das realidades sociais e culturais vividas pelas crianças.

Esses silenciamentos e invisibilizações, pela ótica de Quijano (2005), referem-se a um padrão de poder global que emergiu com a constituição da América e do capitalismo colonial/moderno e eurocentrado. É uma estrutura de dominação que, embora tenha sua origem no colonialismo, provou ser mais duradoura e estável que ele, permeando todas as dimensões do poder mundial, incluindo a racionalidade e o conhecimento.

A dimensão da colonialidade do poder que incide sobre a racionalidade é aprofundada por Carneiro (2005) com o conceito de epistemicídio. Para a autora, trata-se de um processo que vai além da anulação de saberes, configurando-se como a contínua produção da inferioridade intelectual dos povos subjugados. Isso ocorre por meio de mecanismos como a negação do acesso à educação de qualidade e a deslegitimação do negro e do índio como produtores de conhecimento.

Neste artigo, filiado aos Estudos Culturais, analisam-se duas representações que produzem outros sentidos sobre o ser criança: o Caboclinho da Mata, uma criança ancestral indígena cultuada em diversas tradições, e os Ibejis, orixás gêmeos da mitologia iorubá que se manifestam como crianças. O objetivo é evidenciar essas representações de matrizes afro-ameríndias no Brasil, contrapondo-as ao modelo ocidental universalizante

de infância, uma vez que ambas as figuras e as narrativas que as cercam revelam modos de ser e viver a infância distintos do paradigma dominante.

Para tanto, acionamos o conceito de *representação* de Hall (2016), que o entende como a produção de sentido pela linguagem, a partir das palavras, dos sons e/ou das imagens, dotadas de significados. Por sua vez, “os signos indicam ou representam os conceitos e as relações entre eles que carregamos em nossa mente e que, juntos, constroem os sistemas de significado da nossa cultura” (Hall, 2016, p. 37). A representação dos signos denota uma compreensão da cultura, uma comunidade imaginada, uma construção de um universo comum.

Do processo de representação, emerge o conceito de “o outro”, que, segundo Hall (2016), é central para entender como as sociedades representam aquilo que é significativamente diferente de “nós”. Esse conceito não se refere a uma essência inerente a um grupo, mas a uma construção social e cultural que serve para (de)marcar e significar a diferença.

A prática da estereotipagem é fundamental para que os significados sobre “o outro” sejam produzidos e fixados. A estereotipagem serve para reduzir e essencializar a diferença, fixando-a em algumas características simples e essenciais. Ela cria um sistema de exclusão, definindo quem pertence ao grupo “nós” e quem é “o outro”. A representação do “outro” está intrinsecamente ligada às relações de poder. Ao racializar ou estereotipar “o outro”, a cultura popular ocidental, por exemplo, criou um conjunto de representações baseadas na marcação da diferença racial que ajudam a justificar e naturalizar hierarquias sociais e econômicas. Logo, dar evidência a outras narrativas faz-se produtivo, pois, na medida em que amplia os modos de representar as crianças e as infâncias, matiza signos e significados e promove um movimento de resistência às narrativas homogeneizantes, absolutas e totalitárias.

As narrativas analisadas pertencem ao universo da oratura, compreendida aqui como um corpo de saberes filosóficos e culturais registrados e transmitidos oralmente (Nogueira; Alves, 2020), e não ao gênero ocidental de conto infantil. Para a descrição e contextualização do Caboclinho da Mata e dos Ibejis, recorreremos, respectivamente, à cartilha da UnB (2024) e ao artigo de Diego Reis (2024). A análise busca visibilizar esses modos de representar a infância, contribuindo para o necessário aprofundamento do debate no campo da Educação das Relações Étnico-Raciais.

A escolha dessas duas representações não é aleatória; elas apresentam modos de ser e viver como criança que produzem uma infância distinta daquela do modelo ocidental. Uma é ligada à terra e à ancestralidade indígena; a outra, à sacralidade e à cosmologia de matriz africana. São oraturas fundacionais, narrativas de origem e sabedoria ancestral destinadas a toda a comunidade, das crianças aos mais velhos, funcionando como mecanismos de produção e transmissão de uma cosmopercepção. Nossa intenção é, mediante essas oraturas, visibilizar outros modos de representar a criança e, consequentemente, de construir outras infâncias.

Nessa perspectiva, a identidade está intrinsecamente ligada ao circuito da cultura, que engloba produção, consumo, regulação e, sobretudo, representação. Como o sentido não é inato, mas está socialmente ancorado, a cultura pode ser entendida como um conjunto de significados compartilhados. A comunicação, assim, depende de códigos e convenções linguísticas comuns que permitem que os indivíduos se tornem sujeitos competentes ao internalizarem os mapas conceituais de seu grupo.

Para atingir os objetivos propostos, este artigo organiza-se em quatro seções, além desta introdução. A primeira, *A criança universal em questão: teorização para outras representações*, dedica-se a desconstruir o conceito de criança universal, apresentando as bases dos Estudos Culturais que sustentam a análise. Em seguida, no *Percurso metodológico*, detalhamos a abordagem qualitativa da pesquisa e apresentamos os eixos analíticos que guiam a leitura das oraturas. Na terceira seção, *As cores do caleidoscópio: uma análise das infâncias afro-ameríndias*, aplicamos as ferramentas teóricas à interpretação das oraturas do Caboclinho da Mata e dos Ibejis. Por fim, nas *Considerações finais: além da criança universal*, sintetizamos os resultados e discutimos as implicações políticas e pedagógicas do estudo, apontando a necessidade de um caleidoscópio das infâncias.

A criança universal em questão: teorização para outras representações

Para a análise das representações afro-ameríndias, primeiramente, é necessário desconstruir a aparente naturalização do próprio conceito de infância. Embora crianças sempre tenham existido, o campo de estudo sobre crianças e infâncias tem em Philippe Ariès, com a obra *História Social da Criança e da Família* (1986), um marco inaugural. O historiador argumenta que, na sociedade tradicional, a infância tinha duração reduzida e permanecia, em

grande medida, desconhecida, sem ocupar lugar relevante na tipologia medieval. Registros de família antes do século XVII raramente mencionam ou dão detalhes da presença das crianças, o que sugere a pouca atenção ou importância a elas atribuída como sujeitos. A iconografia religiosa, até o século XVII, por exemplo, frequentemente retratava as crianças como homúnculos⁵ ou pequenos adultos, reforçando a ideia de que não havia uma distinção clara entre a criança e o adulto em termos de aparência ou papel social.

Ariès (1986) afirma que a sensibilidade em relação à infância e à família se desenvolveu no século XVII. O primeiro sentimento de infância, caracterizado pela "paparicação" (mimar, agasalhar), surgiu no meio familiar, na companhia das crianças pequenas.

Daí depreende-se que os modos de ser criança também dependem do contexto cultural, social e histórico de cada tempo e lugar. A infância nem sempre existiu tal qual a conhecemos na atualidade. Foi um longo processo, ocorrido durante o período da Modernidade, composto por uma série de condições que possibilitaram a invenção da infância, de um determinado tipo de infância (Momo, 2014, p. 8).

Assim, as crianças, como sujeitos geracionais, não são somente produtos biológicos, mas seres simbólicos e discursivos que, imersos em práticas sociais, criam e recriam formas de pensar, agir e significar o mundo. Ademais, nota-se que a "descoberta da infância" ocorreu no ocidente aliada ao projeto de modernidade.

Para Sarmento (2007), a produção do conhecimento científico sobre crianças e infâncias reflete-se em sua (in)visibilidade histórica e cívica, sendo resultado de crenças, ideias e teorias. Conforme destacado por Reis (2024), a produção da invisibilidade em diferentes campos, "[...] entendida como morte-em-vida, atesta a potência de aniquilação da hipertrofia das possibilidades de manifestação da vida expressa pelas crianças" (p. 11). No caso das crianças afro-ameríndias, pode-se dizer que o apagamento e o silenciamento que as atingem configuram-se como uma forma de morte-em-vida.

De acordo com Franco,

é impróprio ou inadequado supor a existência de uma população infantil homogênea, pois o processo histórico nos

⁵ O termo "homúnculo" é empregado para descrever as imagens das crianças que não tinham uma aparência distintiva.

faz perceber diferentes populações infantis com processos desiguais de socialização (Franco, 2002, p. 30).

Portanto, as culturas da infância não podem ser reduzidas à ideia de uma única cultura e devem ser compreendidas em seu caráter plural de sistemas simbólicos (Sarmiento, 2007). Esse entendimento permite analisar duas coisas: 1) as implicações políticas e sociais das representações hegemônicas da infância e 2), especialmente, o apagamento das representações hegemônicas que não se enquadram no modelo moderno e ocidental. Adichie (2019) chama atenção para o perigo da “história única” narrada pelo colonialismo, tomada como universal e verdadeira, o que afetou a representação da infância não só na Europa, mas também em outros continentes, como a América.

O eurocentrismo, nesse processo, revela-se como uma perspectiva de conhecimento que se apresentou como verdadeira, colonizando e sobrepondo-se a outros saberes. Segundo Quijano (2005), essa visão está ancorada em dois pontos fundacionais: (i) a concepção da história da civilização humana como uma trajetória unilinear, culminando na Europa; e (ii) a diferenciação entre Europa e não Europa como diferença de natureza (racial), e não de história do poder. Tal lógica amalgamou evolucionismo e dualismo, legitimando a exploração e dominação de povos não europeus.

O que se percebe é que as diferenças entre Europa e não Europa foram corporificadas em marcadores naturalizados pela ciência moderna, como a “raça”, utilizados para justificar hierarquias sociais e políticas. Essa lógica eurocêntrica perpetuou-se em instituições como a escola. Isso porque a escola não se limita à função de produção de saberes escolares e constitui também um espaço central na produção de saberes sociais e culturais e, consequentemente, na construção de identidades.

Para o segmento étnico-racial negro, a trajetória escolar é frequentemente atravessada por estereótipos e representações negativas (Gomes, 2002), reproduzindo a lógica da representação do “outro” (Hall, 2016). A comparação dos traços fenotípicos do corpo negro (nariz, boca, cor da pele, tipo de cabelo) com os do branco colonizador, historicamente, serviu como base para a formulação de um padrão de beleza centrado na brancura, com efeitos profundos na autoestima e no reconhecimento social de crianças e jovens negros. Esse padrão, ao permear instituições como a escola, gera práticas e representações que discriminam, afetando diretamente o processo de construção da identidade de crianças e jovens negros, bem como a forma como aprendem a se ver e a serem vistos no mundo (Gomes, 2002).

Nesse contexto, o conceito de representação de Hall (2016), articulado ao de *cosmopercepção*, abre possibilidades para compreendermos de modo mais amplo as infâncias afro-ameríndias, em particular, as presentes nas oraturas ancestrais, como as do Caboclinho da Mata e dos Ibejis.

Como destaca Oyěwùmí (2002),

O termo “cosmovisão”, que é usado no Ocidente para resumir a lógica cultural de uma sociedade, capta o privilégio ocidental do visual. É eurocêntrico usá-lo para descrever culturas que podem privilegiar outros sentidos. O termo “cosmopercepção” é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais. Neste estudo, portanto, “cosmovisão” só será aplicada para descrever o sentido cultural ocidental e “cosmopercepção” será usada ao descrever os povos iorubás ou outras culturas que podem privilegiar sentidos que não sejam o visual ou, até mesmo, uma combinação de sentidos (Oyěwùmí, 2002, p. 3).

Segundo a crítica de Oyěwùmí (2002), a cosmovisão ocidental pode ser entendida como um sistema de conhecimento caracterizado por privilegiar o sentido da visão como o principal modo de apreensão da realidade. Nesse sistema, o corpo visível é utilizado para justificar e naturalizar a ordem social e suas hierarquias (de raça, classe e gênero), tratando-as como marcadores biológicos e deterministas. Consequentemente, essa perspectiva valoriza a objetividade e um suposto distanciamento entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido, disseminando suas categorias de análise como se fossem universais. Em oposição a essa lógica, a autora propõe o conceito de cosmopercepção, que descreve uma compreensão de mundo mais holística. A cosmopercepção não se baseia na separação, mas em uma combinação de múltiplos sentidos e em uma contextualização sempre relacional. Assim, em vez de hierarquizar saberes, reconhece-se que distintas sociedades constroem epistemologias próprias, como no caso da tradição iorubá.

É a partir desse entendimento que a Educação das Relações Étnico-Raciais ganha relevância. Seu objetivo é provocar a desnaturalização das representações ocidentais, que frequentemente se sobrepõem a outras formas de saber. Ela questiona a epiderme-episteme eurocêntrica, que historicamente organizou as relações sociais, tanto simbólicas quanto materiais, a partir de uma ótica específica, invalidando saberes e corpos não brancos. Ao desnaturalizar representações ocidentais que se impõem como universais, esse campo de estudos disputa significados e desconstrói convenções que sustentam desigualdades raciais. Dessa forma, torna-se

possível abrir espaço para outras narrativas e cosmopercepções, ampliando o caleidoscópio das infâncias e reconhecendo a singularidade das experiências afro-ameríndias.

Oraturas: caboclinho da mata e ibejis

Para materializar a discussão teórica sobre a desnaturalização da infância, voltamos agora nosso olhar para as narrativas que produzem outros modos de ser e viver como criança. As oraturas do Caboclinho da Mata, de matriz indígena, e dos Ibejis, de matriz iorubá, são aqui apresentadas como exemplos potentes de como outras cosmopercepções articulam o protagonismo, a ancestralidade e a potência infantil.

As representações da infância afro-ameríndia estão de acordo com a cartilha *Políticas públicas relativas aos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais e suas infâncias* (UnB, 2024). O Caboclinho da Mata é apresentado como uma criança ancestral indígena, criada pelos animais no coração da floresta. Ele não anda como os humanos e aprendeu a respeitar todos os seres da natureza. Sua mãe, Jurema, sempre o alertou sobre os perigos da mata, mas, um dia, desobedecendo aos seus conselhos, ele se perdeu ao sair para pescar sozinho.

Assim, cresceu longe da família, sob os cuidados dos espíritos da floresta, que lhe ensinaram a curar, proteger e amar a terra. Tornou-se um guardião das crianças. Sua maior tristeza é ver que as crianças indígenas de hoje não podem mais correr livremente pela mata como ele fez, pois a floresta está sendo destruída. Ele alerta sobre o genocídio, a fome e o desaparecimento de seu povo, lembrando que não há futuro sem a natureza.

No final de sua jornada, o Caboclinho encanta-se (morre) aos pés de uma árvore Jurema, onde sua mãe, após muito tempo, o encontra. Agora, como espírito ancestral, ele trabalha ao lado dela e de seus irmãos, protegendo os vivos e lutando pela preservação da terra. Sua mensagem permanece viva: é preciso obedecer aos ensinamentos dos mais velhos, cuidar das crianças e defender a floresta, para que as novas gerações possam viver e experimentar a mesma liberdade e magia que um dia ele teve.

A oratura iorubá "Os Ibejis", apresentada no artigo "Nem Todas As Crianças Vingam: Infâncias Espectrais no Coração Améfrica Latina" (Reis, 2024), têm origem nas narrativas dos mais velhos da comunidade de terreiro do Ilê Axé Omiojuarô. Nela, os Ibejis — crianças ancestrais, gêmeos divinos pertencentes ao conjunto dos orixás iorubás — conseguem enganar Iku, a personificação da morte.

Iku havia espalhado armadilhas por todos os caminhos, capturando e levando prematuramente aqueles que nelas caíam. Diante disso, os Ibejis arquitetaram um plano para deter a Morte. Eles percorreram as trilhas perigosas tocando tambores com tanta alegria e vivacidade, que Iku, fascinado pela música, começou a dançar sem parar. Enquanto dançava, não percebeu que os gêmeos se revezavam no toque, mantendo o som incessante. Exausto, Iku pediu uma pausa, mas as crianças continuaram. Quando a Morte já não aguentava mais, os Ibejis propuseram um pacto: a música pararia, mas Iku teria que remover todas as suas armadilhas. Iku aceitou o acordo, a música cessou, e a Morte finalmente descansou. Assim, os Ibejis alcançaram o que nenhum outro humano ou entidade espiritual havia conseguido: vencer a Morte em sua própria peleja, livrando o mundo de suas armadilhas prematuras.

As oraturas evidenciam representações da infância que articulam identidade, conhecimento e cultura. Embora provenientes de matrizes étnico-raciais distintas, elas confluem em um eixo simbólico da criança: astúcia, alegria, ludicidade, inventividade e união (representada pelos gêmeos) contra forças opressoras (mostrando que até a Morte pode ser enganada pela capacidade inventiva da criança), com esperança, sabedoria, coragem, inteligência e resistência.

Percurso metodológico

Este trabalho filia-se às teorizações dos Estudos Culturais, que fornece subsídios para analisar as oraturas Caboclinho da Mata e Ibejis como representações de infâncias afro-ameríndias. Nossa intenção não é buscar uma suposta verdade sobre a infância, mas compreender como alguns dos sentidos e das representações sobre as infâncias afro-ameríndias são produzidos, disputados, postos em circulação ou (in)visibilizados.

Os Estudos Culturais emergem na segunda metade do século XX, impulsionados pela chamada “virada linguística”, que rompeu com a divisão hierárquica entre alta e baixa cultura. Essa perspectiva abriu espaço para uma concepção mais ampla do fenômeno cultural, no movimento que se convencionou chamar de “virada cultural”. A cultura, nesse contexto, passa a ser entendida como uma dimensão epistemológica, vinculada a relações de saber e poder.

Segundo Ang (2022, p. 36), os Estudos Culturais podem ser alicerçados em

uma compreensão particular acerca de como podemos ‘conhecer’ melhor a cultura e o mundo: saber que o mundo opera através de intrincados emaranhados de produção ativa de sentidos e relações de poder; saber que a “cultura” é um processo social contínuo, por meio do qual modos de vida são totalmente construídos e reconstruídos, e que nós só podemos entender “o que está acontecendo” se analisarmos as práticas em seus complexos contextos e assim por diante.

Logo, o princípio fundante dos Estudos Culturais é a sensibilidade para realizar a “análise conjuntural” da realidade. Trata-se de uma abordagem crítica e política da cultura, centrada nas relações de poder e orientada para uma práxis transformadora (Corrêa, 2022).

Com base nessa perspectiva, neste estudo, parte-se do entendimento de que os conhecimentos produzidos são sempre parciais e provisórios, atravessados por temporalidades e nuances culturais. Nesse sentido, a investigação propõe-se a desconfiar de verdades e certezas, problematizando o que se institui como verdadeiro ou falso nas sociedades modernas em relação à infância (Paraíso, 2012).

Nesta pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico e documental, o foco não está na mensuração de dados, mas na interpretação dos significados atribuídos à infância. A análise fundamenta-se no aporte teórico dos Estudos Culturais e toma como objeto de estudo as representações da criança ancestral indígena (o Caboclinho da Mata) e da divindade iorubá (os Ibejis). A escolha desses contos deve-se ao fato de ambos evidenciarem representações da infância que articulam identidade, conhecimento e cultura.

O percurso analítico foi organizado em dois momentos principais. Inicialmente, fizemos uma leitura aprofundada das fontes — o artigo de Reis (2024) e a cartilha da UnB (2024) —, com o objetivo de mapear os eixos simbólicos centrais associados às representações do Caboclinho da Mata e dos Ibejis. Nessa etapa, emergiram algumas características da infância afro-ameríndia, como a astúcia, o brincar, a agência infantil e a resistência. No segundo momento, à luz do referencial teórico, buscamos compreender as representações de outros modos de ser e viver a infância, indo além da perspectiva ocidental e discutindo suas implicações políticas e pedagógicas.

Para tanto, estabelecemos dois eixos principais, fundamentados nos Estudos Culturais, em torno dos quais a análise se organiza:

- a) A produção das representações e seus símbolos: neste primeiro eixo, investigamos o que as oraturas representam e como o fazem.

Analizamos a construção da criança-guardiã e da criança-sobrevivente, focando em como os símbolos centrais de cada narrativa (a natureza, a arte, a morte) são articulados para produzir esses modelos de infância potentes e distintos do paradigma dominante.

- b) A produção de identidades e modos de ser: no segundo eixo, investigamos o efeito dessas representações. Fundamentando-nos na concepção de Hall (2016), que entende a identidade como uma produção cultural, buscamos entender quais posições de sujeito ou modelos de identidade os contos oferecem à criança. Interessa observar que tipo de sujeito a criança ouvinte é convidada a tornar-se e de que modo as oraturas podem dar visibilidade a outros modos de ser e estar no mundo.

A principal ferramenta utilizada foi a análise de representação, inspirada nos trabalhos de Hall (2016), que a concebe como um processo que articula sentido, linguagem e cultura. Assim, investigar as oraturas significa examinar quais representações de ser criança afro-ameríndia são mobilizadas, disputadas e visibilizadas.

As cores do caleidoscópio: uma análise das infâncias afro-ameríndias

A função pedagógica, embora presente tanto nas narrativas ocidentais quanto nas afro-ameríndias, opera com objetivos diferentes. Contos convencionais, como o de Pinóquio, destinados a um público infantil apartado, funcionam como ferramentas para a socialização individual, disciplinando a criança para que esta internalize um conjunto de normas comportamentais valorizadas pela cultura dominante. Em contrapartida, a história do Caboclinho da Mata veicula uma pedagogia de pertencimento, na qual as lições morais estão vinculadas a uma ética da responsabilidade coletiva, ancestral e ecológica. Assim, ao contrastar essas narrativas, nosso objetivo não é negar seu caráter instrutivo, mas demonstrar como cada cultura, por meio de seus contos/oraturas, produz e valida projetos distintos sobre o que significa ser criança no mundo.

Partindo dos critérios estabelecidos para análise, percebemos que o Caboclinho da Mata produz uma representação da criança-natureza. Sua potência emerge de uma conexão válida e respeitosa pelo mundo. A infância é representada como um estado de fusão, no qual o aprendizado advém dos

espíritos da floresta. A partir dessa ligação, o Caboclinho torna-se um guardião, e não um soberano, em uma relação horizontal entre a criança e o mundo. Tal relação mostra que a criança não é apenas um ser a ser protegido, mas um protetor por direito próprio, munido de uma responsabilidade ancestral. Essa representação é constituída por signos; por exemplo, a floresta não é um cenário, mas uma família, uma professora e uma entidade viva. Ela é a fonte do saber e do poder do Caboclinho.

A desobediência é um signo complexo. Diferentemente de muitas narrativas ocidentais, a desobediência resulta em punição imediata e severa — como na fábula de Pinóquio, cuja trama inteira se constrói em torno das consequências desastrosas de não obedecer. O fato de Pinóquio desobedecer a Gepeto e ao Grilo Falante repetidamente leva-o a ser enganado, explorado, transformado em burro e engolido por um monstro marinho. Ele só se torna real e alcança a redenção quando aprende a ser obediente e altruísta. Na oratura do Caboclinho, a desobediência leva à tragédia da separação, mas também ao destino de tornar-se um guardião. É o evento que produz e constitui o Caboclinho como entidade ancestral, multiplicando as possibilidades de ser e viver a infância e rompendo com binarismos e linearidades.

A presença da morte, o encantamento, para o Caboclinho, não são um fim absoluto. O "encantamento" é uma transformação, uma passagem para tornar-se um espírito ancestral que continua a agir no mundo. É uma visão de morte como continuação, e não como ruptura.

Essa articulação de símbolos posiciona a criança ouvinte do Caboclinho da Mata como a criança-guardiã. A oratura produz uma identidade que se define pela responsabilidade coletiva e ecológica. Ser criança, nessa perspectiva, é ser parte da terra e ter o dever de protegê-la. A narrativa também introduz uma identidade política, a da criança que se entristece pela destruição e que se converte em uma voz de denúncia contra o genocídio

Em outra matriz de saber, a oratura dos Ibejis produz uma criança protagonista da sua própria história. A inocência é aqui representada não como uma característica ingênua, mas como uma forma de aplicar a sabedoria advinda de outras crianças do seu povo. Os gêmeos sagrados desafiam o poder da Morte e vencem-na utilizando “armas” próprias do ser criança, como a arte de bater o tambor, a alegria da dança e a peripécia da troca entre os irmãos.

Além da representação geral da criança, o poder encontra-se na articulação dos elementos simbólicos centrais na oratura dos Ibejis. Tomemos

como exemplo o signo da morte. No discurso ocidental, a morte é frequentemente representada como um fim absoluto, trágico e irreversível. É um tabu, especialmente para o universo infantil, associado ao medo e à perda definitiva. O conto dos Ibejis subverte essa lógica. Nele, a morte é personificada (Iku) e dotada de características mundanas: é fascinada pela arte, cansa-se de dançar e pode ser inteligentemente forçada a um acordo. Assim, o conto ressignifica a morte – de um fim absoluto e temido, para uma força negociável, com a qual se pode interagir por meio da sabedoria, da coragem e da arte. A narrativa produz um sentido do mundo em que a morte não é um tabu a ser escondido, mas um desafio a ser superado.

O tambor representa a arte, o ritmo, a cultura, e a dança representa a alegria e o corpo em movimento, as armas mais eficazes que existem. A alegria não é o oposto da seriedade; ela é uma forma de resistência. A oratura produz um sentido em que a cultura e a arte são centrais para a vida e para a vitória sobre a opressão. Essa perspectiva diverge da lógica da modernidade capitalista, que separa rigidamente o tempo de trabalho do tempo de lazer, tratando a brincadeira e a arte como atividades secundárias.

O fato de serem dois registra a força da união e da colaboração. Porém, de uma forma mais sutil, também desafia a lógica do indivíduo único. A Morte é enganada porque não consegue perceber que não está lidando com um só ser, mas com uma relação. Isso produz um sentido de identidade que é relacional, e não único e universal.

Enquanto o Caboclinho da Mata representa a infância como potência da conexão e da ancestralidade contra uma força histórico-política, ou seja, a destruição da floresta e o genocídio, os Ibejis representam a infância como potência da astúcia e da arte (entendida aqui como a práxis estética e ritualística da música e da dança) contra uma força da morte. Ambas as representações estão em desacordo com os discursos modernos, que:

apresentam as crianças com determinadas características atribuídas a uma suposta natureza infantil: inocentes, frágeis, imaturas, maleáveis, naturalmente boas, seres que constituem promessa de um futuro melhor para a humanidade. Características essas que aparecem incorporadas às narrativas de humanistas, filósofos e reformadores sociais, ao início dos tempos modernos, no sentido de fixar a identidade infantil (Bujes, 2005, p. 53)

Essa representação é tomada como verdadeira em narrativas como as dos contos dos irmãos Grimm, nos quais figuras como Chapeuzinho Vermelho

são retratadas como ingênuas e passivas, necessitando de um salvador adulto para resolver o conflito. Da mesma forma, teorias do desenvolvimento como as de Piaget (1972), embora importantes, historicamente ajudaram a solidificar a imagem da criança como um ser em estágios de incompletude, cuja racionalidade ainda está por formar-se.

Essa complexa teia de significados, contudo, não é um fim em si mesma. Como aponta Hall (2016), ela opera para produzir identidades, posicionando os sujeitos em discursos que os convidam a se reconhecerem de determinadas maneiras. A questão que se coloca, então, é: qual a posição de sujeito que esses contos oferecem a uma criança que os ouve? No caso dos Ibejis, a oratura interpela a criança, chamando-a a reconhecer-se não como vítima das adversidades, mas como um agente de sua própria superação por meio da arte e da alegria, produzindo uma identidade corajosa, resiliente e potente.

A análise das narrativas demonstrou a produção de pelo menos duas distintas e potentes representações de infância que emergem de matrizes afro-ameríndias: uma, a dos Ibejis, fundamentada na resiliência por meio da astúcia e da arte coletiva; outra, a do Caboclinho da Mata, alicerçada na responsabilidade mediante a conexão ancestral e ecológica. Ambos os modelos, o da criança-sobrevivente inteligente e o da criança-guardiã consciente, produzem a infância como lugar de protagonismo e poder, contrapondo-se frontalmente à representação da criança como um ser passivo, frágil e necessitado de salvação. Nesse contexto, a recusa do modelo universal de criança não leva a um vazio, mas abre espaço, abre brechas para um caleidoscópio de saberes e modos de existência. Com essas constatações, podemos trazer elementos para pensar sobre as implicações políticas e pedagógicas dos achados deste estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ALÉM DA CRIANÇA UNIVERSAL

A análise das oraturas do Caboclinho da Mata e dos Ibejis revelou como essas representações oferecem modelos para a produção de subjetividades distintas das da perspectiva ocidental. Essas oraturas, mais do que descrever a criança, posicionam-na em um universo de sentidos, convidando-a a um processo de identificação com outras formas de ser, estar e viver no mundo. A partir daí, emergem outros significados de infância, que possibilitam subjetividades como a da criança-guardiã, constituída pela responsabilidade ecológica, e a da criança-sobrevivente, marcada pela potência da arte e da

astúcia coletiva. Ambos os modelos se contrapõem ao conhecimento ocidental, que, ao apagar essa diversidade, gera exclusão e marginalidade. Isso porque as compreensões de criança e infância são produções sociais, perpassadas por construções, desconstruções e ressignificações ativadas e compartilhadas em determinados tempos e espaços, em um processo contínuo de tensão, disputa e negociação.

As implicações dessas constatações são profundas. No campo pedagógico, elas nos compelem a questionar currículos que silenciam essas narrativas e a buscar práticas educativas com espaço para a pluralidade de modos de ser criança, mediante práticas educativas em que se valorize a oralidade, integrando-se esses saberes em materiais didáticos antirracistas que reforcem a cultura dos povos ancestrais. É nesse ambiente que se aprendem e se compartilham valores e crenças, mas também é onde preconceitos de raça, gênero e classe são reforçados, o que torna crucial a análise das dimensões simbólicas da questão racial nesse espaço (Gomes, 2002).

Politicamente, visibilizar essas representações é um ato de resistência contra o epistemicídio, haja vista que reafirma a luta dos povos indígenas e de matriz africana pelo direito de produzir e transmitir suas próprias culturas e valores às novas gerações. Além disso, dá visibilidade à luta desses povos para a defesa de seus territórios — ação intrinsecamente ligada à preservação de suas culturas, memórias e narrativas.

Embora este trabalho tenha se limitado a duas ricas oraturas, ele aponta a necessidade de cartografar o vasto repertório de representações de infância presentes na América Latina. Pesquisas futuras poderiam aprofundar-se em outras oraturas e narrativas, com o propósito de dar visibilidade ao vibrante e necessário caleidoscópio das infâncias.

REFERÊNCIAS

Adichie, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Andrade, L. B. P. **Tecendo os fios da infância**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

Ang, I. Sobre os estudos Culturais, Novamente. In: Santos, L. H. S.; Karnopp, L. B.; Wortmann, M. L. C. **O que são estudos culturais hoje?** Diferentes práticas retomam a pergunta do International Journal of Cultural Studies. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. E-book.

Ariès, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

Bujes, M. I. E. Dos modos de olhar a infância. In: Lehenbauer, S.; Picawy, M. M.; Steyer, V. E.; Wandscheer, M. S. **O ensino fundamental no século XXI: questões e desafios**. Canoas: ULBRA, 2005.

Carneiro, A. S. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Orientadora: Roseli Fischman. 2005. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

Corrêa, L. G. Interseccionalidade: um desafio para os estudos culturais na década de 2020. In: Santos, L. H. S.; Karnoop, L. B.; Wortmann, M. L. C. **O que são estudos culturais hoje?** Diferentes praticantes retomam a pergunta do International Journal of Cultural Studies. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. E-book.

Franco, M. E. W.. **Compreendendo a infância como condição de criança**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

Gomes, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 21, p. 40-51, Dezembro, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/D7N3t6rSxDjmrHf5nTC7r/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 jun. 2025.

Hall, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.

Momo, M. As crianças de hoje não são mais como antigamente! Implicações culturais do mundo contemporâneo para os modos de ser criança e de viver a infância. **TEXTURA- Revista de Educação e Letras**, Canoas, v. 16, n. 32, Set./Dez. 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/1243> . Acesso em: 20 ago. 2025.

Nascimento, M. L. B. P. Infância e Sociedade: a criança visível. **Revista Educação (Coleção Educação e Psicologia)**. v. 2. São Paulo: Segmento, 2009.

Nogueira, R.; Alves, L. P. Exu, a infância e o tempo: Zonas de Emergência de Infância (ZEI). **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 48, p. 533-554, Abril, 2020. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/7149>. Acesso em: 10 jun. 2025.

Oyèwùmí, O. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects In: Coetzee, P. H.; Roux, A. P.J. **The African Philosophy Reader**. p. 391-415. New York: Routledge, 2002. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/oy%C3%A8r%C3%B3nk%E1%BA%B9%CC%81_oy%C4%9Bw%C3%B9m%C3%AD_-_visualizando_o_corpo.pdf. Acesso em: 14 jun. 2025.



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.11 N.20 [2025] e267915
Dossiê Estudos Culturais em Educação:
proposições, articulações e reverberações
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2025.267915>

Paraíso, M. A. Metodologias da pesquisa pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: Meyer, D. E.; Paraíso, M. A. **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. v. 2. Belo Horizonte: Mazza, 2012.

Piaget, J. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1979.

Quijano, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, A. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. p. 117-142. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

Reis, D. S. “Nem todas as crianças vingam”: infâncias espectrais no coração de américa latina. In Rodrigues, H. F.; Assis, G. E. A.; Freitas, M. P.; Trajano, A. T.; Moreira, W. G.; Silva, F. L. **Miúdas gentes em terras (des)conhecidas: a infância agiganta a literatura**. João Pessoa - Pb, 2024. E-book.

Sarmiento, M. J. Visibilidade social e estudo da infância. In: Vasconcellos, V. M. R.; Sarmiento, M. J. **Infância (in)visível**. Araraquara : Junqueira&Marin, 2007.

Universidade de Brasília. Unidade 1: **Concepções plurais de infâncias: Subsídios teórico-metodológicos. Políticas Públicas Relativas aos Povos Indígenas, Quilombolas e Comunidades Tradicionais e suas Infâncias**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2024.

Submissão em 05 de setembro de 2025.

Aceite em 16 de outubro de 2025.



Direitos autorais das pessoas autoras, 2025. Licenciado sob Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original. Texto da Licença: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>